

Estratégias juvenis para garantir dignidade e reconhecimento: a experiência de pertencer a uma casa da juventude em Portugal
Youth strategies for assuring dignity and recognition: the experience of belonging to a youth centre in Portugal

Sofia Marques da SILVA¹

RESUMO: A escola tem sido dominante na definição da pertença juvenil a uma identidade política e social, propondo uma classificação de sujeitos a partir da sua relação com aquela instituição, os seus propósitos e valores e organizando formas de transição “normais”. No entanto, existe menos reconhecimento social em torno de pertenças, enquanto estratégias criativas, desencadeadas por jovens em torno de outras instituições, comunidades e grupos e no interior dos quais fabricam as suas próprias modalidades de transição para a vida adulta. O objecto deste artigo enquadra-se num estudo etnográfico realizado numa Casa da Juventude, situada na periferia da cidade do Porto, entre 2005 e 2007, a respeito das culturas, transições e experiências juvenis, na primeira década do século XXI. Aqui se pretende focar algumas estratégias de um grupo de jovens para o reconhecimento, enquanto forma de reposição de justiça, com base no fabrico da sua inclusão no espaço cognitivo de uma instituição não escolar: uma Casa da Juventude.

PALAVRAS-CHAVE: Culturas juvenis. Educação. Estratégia.

INTRODUÇÃO

Uma etnografia² realizada numa Casa da Juventude entre 2005 e 2007 procurou compreender as experiências de um grupo de jovens rapazes e raparigas a crescer numa Freguesia situada na periferia da cidade do Porto e cujos quotidianos são, em parte, marcados pela sua presença e participação numa instituição não escolar: a Casa da Juventude.

A atenção recaiu sobre jovens com idades compreendidas entre os 14 e os 23 anos, pertencentes a famílias socialmente desfavorecidas que conhecem situações de desemprego, ou de trabalho precário e mal pago. Este(a)s jovens vivem formas estruturais de exclusão social e cultural, nomeadamente a exclusão da escola, que tem uma aparição frágil nas suas biografias. O Ensino Superior ou mesmo o Ensino Secundário são universos desconhecidos para as famílias e para uma grande parte do(a)s jovens, que não termina a escolaridade obrigatória. São,

¹ Faculdade de Psicologia e de Ciências da Educação da Universidade do Porto/Centro de Investigação e de Intervenção Educativas da Universidade do Porto – Portugal - sofiamsilva@fpce.up.pt

² Este estudo realizou-se no âmbito do Doutoramento em Ciências da Educação (SILVA, 2008).

desse modo, jovens com histórias de abandono escolar e de insucesso, e uma parte significativa conhece posteriormente experiências de trabalho precárias ou está durante largos períodos de tempo sem ocupação, passando muito do seu tempo nos espaços da Casa da Juventude, uma instituição que, localizada na freguesia onde moram, é um espaço onde jovens podem ocupar os seus tempos livres ou participar em projectos educativos.

Este estudo, que tinha como objecto as contradições emergentes, quer das fragilidades estruturais que atravessam as vidas destes/as jovens, quer das estratégias juvenis para o reconhecimento e para a dignidade, procurou dar conta de um conjunto de exuberâncias³ que resultam de efeitos de contrastes e incluem múltiplas, irregulares e até conflituosas formas de expressão e experiências juvenis. A exuberância, enquanto organizador conceptual, permitiu compreender aquilo que resulta, por um lado, de um movimento de confronto dos/as jovens com vulnerabilidades e medos, decorrentes do desinvestimento e da perda de confiança em vários mundos, nomeadamente do trabalho e da escola e, por outro lado, de um movimento de afirmação e de investimento que passa pela construção da pertença, da confiança e do reconhecimento em lugares, figuras e grupos de conforto. Neste último movimento, reconheceram-se algumas estratégias juvenis para a produção e solidificação de estruturas relacionais seguras, que lhes possibilitam lidar com mudanças e com o imprevisível. Destacam-se estratégias como a valorização da experiência e a construção de um sistema de pertenças às culturas juvenis, à comunidade, ao grupo de pares, à Casa da Juventude, ao corpo e ao simulacro.

O presente artigo tem como objectivo focalizar algumas dimensões do processo de construção da pertença à Casa da Juventude. A partir da apropriação daquela instituição, procuram superar algumas das suas fragilidades estruturais. Enfatiza-se essa estratégia como uma forma de reorganização juvenil das possibilidades que entendem disponíveis nos seus contextos de proximidade, tendo como objectivo um reconhecimento cultural.

Numa primeira parte deste artigo, procura-se tratar de alguns pontos de vista sobre a contemporaneidade com o objectivo de enquadrar a construção da

³ A exuberância, que significa excesso, irregularidade e união de contradições, é um conceito da estética barroca dando corpo a estruturas de experiências e subjectividades juvenis reconhecidas a partir do estudo etnográfico. A opção por este conceito segue o argumento de que existem fenómenos da contemporaneidade que podem ser mais bem compreendidos, se recorrermos a referentes de épocas anteriores (CALABRESE, 1998). Desse modo, considera-se que, sendo o barroco marcado pela plurilinearidade, torna-se pertinente como plataforma para se pensarem algumas formas culturais juvenis, através da proposta de um diálogo intercompreensivo entre a categoria estética, a exuberância e as categorias sociais (WILLIS, 2000). O estudo etnográfico que inspira este artigo deu conta de algumas exuberâncias: a exuberância das fragilidades e a sua tradução nas exuberâncias da experiência e da pertença. A primeira trata dos efeitos mais negativos de processos de transformação das sociedades da pós-modernidade, normalmente visíveis no aprofundamento das desigualdades sociais, económicas e sociais vividas de maneira mais acentuada à escala individual; as últimas são estratégias juvenis de construção de *contrapropostas* para a figuração de si, investindo em presentidades e miniprojectos que garantem alguma visibilidade e reconhecimento, nos contextos de vida juvenis, ainda que possam ter efeitos pouco emancipatórios, nos circuitos dominantes da sociedade.

pertença à Casa da Juventude; numa segunda parte, define-se a natureza da pertença, em termos gerais; na terceira parte, apresentam-se concretamente algumas dimensões da relação juvenil com a Casa da Juventude; por fim, alinhava-se uma breve conclusão.

1. JUVENTUDES, IMPREVISIBILIDADE E INSEGURANÇA NA CONTEMPORANEIDADE

Os modelos explicativos da imprevisibilidade dão conta de processos de desinstitucionalização (DUBET; MARTUCELLI, 1998), de perda de confiança e de novas relações com o risco (BECK, 2005; GIDDENS, 1996), tornando difícil a construção de um projecto sustentado em recompensas futuras. Opta-se, então, por investir pequenos depósitos que se procuram recuperar em prazos mínimos e no presente apreensível. O imperativo para cada indivíduo fabricar as suas próprias estratégias para aceder ao sentido, quando os suportes de confiança como o Estado, a Família ou o Trabalho estão reconhecidamente mais frágeis, torna-o mais responsável pelas suas adesões a compromissos. Por outro lado, fica mais próximo de valores, que subjectivos e ligados ao contexto, vão perdendo o seu carácter universal, neutro e abstracto e não servem enquanto coordenadas para a elaboração de roteiros de condutas.

Não existindo lugares de pertença seguros, a cartografia social fica mais difícil de identificar e cabe a cada indivíduo recriar-se e criar significados. No entanto, como refere Paul Willis, “isso não significa que as práticas culturais se dêem no vazio ou detenham apenas um conteúdo ‘racional’. Sem tradições conscientes próprias, os escombros remanescentes de outrora sobrevivem e sofrem mutações, encontrando novas áreas de relevância parcial” (WILLIS, 2005, p. 326). Reconhece-se, contudo, a possibilidade para uma maior capacidade de agência individual: “Se a *modernização reflexiva* aparece como uma teoria dos poderes crescentes dos actores sociais com relação às estruturas sociais, é porque o tecido social se revigorou criando oportunidades que permitem esse maior protagonismo individual.” (BAUMAN, 2007, p. 35).

Apesar de continuarem a existir sistemas sociais, as pertenças não são prescritas e não se está já perante organizações sociais consideradas estáveis e com propriedades controláveis. Conhecem-se sentimentos de deslocação e de fragmentação que emergem com o fim de certezas associadas a grupos e valores de pertença mais tradicionais, como a família ou as comunidades locais. Se na modernidade, marcada pela linearidade, as regras são seguidas, na pós-modernidade, caracterizada pela não-linearidade, está-se diante de uma organização da acção que se baseia no «rule-finding» (LASH, 2003). Qual é, então, o princípio estruturador da vida destes/as jovens e de que modo é que se relacionam com o futuro, tempo considerado na dimensão depositária do sentido do agir (LECCARDI, 2005)? Procurando a todo custo fugir à não existência e à imprevisibilidade, as juventudes parecem ir em busca de espaços, tempos e estratégias, onde podem lidar com as irracionalidades, os contraditórios, a expressividade.

Os processos de transição juvenis para o mundo adulto, não tendo abandonado por completo os estatutos de passagem mais tradicionais, sofreram novas actualizações, na medida em que “o terreno em que as transições têm lugar é de natureza cada vez mais labiríntica.” (PAIS, 2006, p. 8). As transições deixaram de ser lineares e as transições *yo-yo* são predominantemente marcadas pela escolha e pelo risco (WALTHER; HEJL; JENSEN, 2002).

Tendo em consideração a realidade social em que as experiências e as culturas juvenis se vivem e produzem – realidade marcada por um esbatimento de referências institucionais, pela erosão de lugares e papéis reconhecíveis e pelo aumento da responsabilidade individual em plataformas de risco – qual o lugar reservado a instituições como a Casa da Juventude? Que papel terá a Casa da Juventude, enquanto contexto informal de educação, na vida de jovens afastados/as biograficamente da escola? Será a Casa da Juventude um espaço de restauração de confiança e da promoção de formas de cidadania? Como referem Nicholson, Collins e Holmer (2004), a propósito de programas para jovens após a escola, “for many young people, the after-school program supplements positive development at home and at school; for others, the after-school program provides a primary support system that can ameliorate stressors they experience in these other settings.” (NICHOLSON; COLLINS; HOLMER, 2004, p. 58). Pode-se, então, compreender o papel da Casa da Juventude como um espaço de relançamento de expectativas juvenis? Entende-se este espaço, na geografia dos lugares significativos, como um «cool place»? (SKELTON; VALENTINE, 1998).

A Casa da Juventude, onde o estudo se realiza, é criada no âmbito de políticas da juventude que almejam a “integração e a promoção da igualdade de oportunidades, criando dispositivos de acesso, marcados pelo desejo de operacionalizar a transversalidade e a interligação entre três eixos basilares - diversidade, descentralização e dinamização”⁴. A Casa da Juventude nasce da iniciativa da Câmara Municipal e começou a sua actividade nos inícios do século XXI. Localizada num bairro social e na periferia urbana, é frequentada e procurada por jovens de grupos sociais *marginalizados e desfavorecidos*.

Os grandes programas institucionais, protagonizados pelo Estado e pela Escola, parecem, desse modo, ter dado lugar a programas locais de intervenção, situação que é despoletada também pela multiplicidade de formas de reconhecimento exigidas pelos sujeitos. Esse reconhecimento da diferença é o que organiza hoje “a reivindicação de uma justiça que não seja simplesmente socioeconómica, mas também cultural” (STOER; MAGALHÃES, 2003, p. 23).

2. O SENTIDO E A NATUREZA DA PERTENÇA

O movimento de pertença protagonizado pelos/as jovens da Casa da Juventude resulta, em grande medida, das fragilidades e medos que atravessam

⁴ Retirado do *site* da respectiva Câmara Municipal. Disponível em: http://www.cm-matosinhos.pt/PageGen.aspx?WMCM_PaginaId=10908

os seus quotidianos. Nesse movimento, procuram construir modalidades de justiça que lhes garantam reconhecimento e dignidade, afastando-se de contextos hostis e de vulnerabilidades, mobilizando estratégias para que, naqueles contextos, não renovem a experiência da humilhação. Procuram, então, repor alguma justiça em lugares que transformam em «espaços de enunciação» (BALL; MAGUIRE; McCRAE, 2000, p. 149). Aqui é onde improvisam formas de se “tornar alguém” e onde tentam filtrar objectos, figuras e situações que os fragilizam.

Compreender as pertenças, o seu valor e o modo como organizam a vida dos/as jovens exige que se tenham em consideração não só as disposições, o *habitus*, mas igualmente experiências diferentes que provocam modificações no *habitus*: as “maneiras de fazer” ou “as mil práticas através das quais os utilizadores se reapropriam do espaço organizados pelas técnicas da produção sociocultural” (CERTEAU, 1990, p. xl).

Pode dizer-se que as biografias desses sujeitos se organizam em torno de resistências à desestruturação institucional e comunitária, investindo em pertenças que cultivam diariamente, no seu quotidiano. As pertenças não são investidas ao acaso. Cada uma delas é organizada à base de valores, crenças e interesses que traduzem lealdades específicas. Não são pertenças esporádicas e são estruturantes dos seus quotidianos, funcionando como suporte identitário, corporizando formas culturais que têm como justiça orientadora a luta contra o não esgotamento de si e pelo reconhecimento.

Os actos culturais são intrinsecamente motivados como aspectos da construção da identidade. Essa identidade deve ser viável e acreditável, no sentido de saber “como continuar em frente” no mundo social e também no sentido de ganhar aceitação e respeito dos outros, mesmo na luta material pela existência, buscando e encontrando dignidade e reconhecimento. (WILLIS, 2005, p. 325).

A definição das pertenças é também a definição dos seus lugares, a partir dos quais estes/as jovens compreendem o mundo e o mundo também os/as compreende. Esse lugar a partir do qual sujeito e mundo se entreolham, o espaço social, é “lugar da coexistência de posições sociais, de pontos mutuamente exclusivos que, para os seus ocupantes, estão no princípio de pontos de vista” (BOURDIEU, 1998b, p. 115). Essas pertenças são reacções à estrutura de desigualdades sociais, económicas e culturais que os/as colocam, muitas vezes, à deriva, conhecendo prolongadamente situações de impotência em várias esferas (BOURDIEU, 1998a). É talvez esse exercício de valorização e de transfiguração de si que faz com que muitos/as destes/as jovens, estando nos limiares do abismo, se aguentem nas economias legais, nas raízes comunitárias e familiares.

3. A CONSTRUÇÃO DA PERTENÇA À CASA DA JUVENTUDE: O PROCESSO DE A TORNAR “COISA SUA”

A ideia de que os jovens e as jovens que frequentam a Casa da Juventude desenvolveram estratégias de apropriar-se dela, ao mesmo tempo em que se tornam sua pertença, surge da observação de relações juvenis com esse espaço e que indicam a natureza do apego. A relação de pertença que estabelecem com essa instituição testemunha, talvez, uma maneira de criar raízes num tempo de desterritorialização. A relação com a Casa da Juventude torna-se, então, compreensível num contexto em que se reconhece uma «crise de normalidade» (ZOLL, 1992, p. 9), cujo elemento objectivo é o desregulamento das estruturas sociais.

A pertença à Casa da Juventude representa a reivindicação de um tempo subjectivo para si e que se opõe a outros tempos: da escola, do trabalho ou da família, e que existem *a priori*. Ali, pelo contrário, apropriam-se do tempo da instituição, mais orgânico e menos linear, e colaboram na sua construção.

Se é comum depararem-se com contextos de inconstância, a Casa da Juventude parece funcionar como um contexto mais estável, no qual podem fabricar imagens positivas de si e construir as *presenticidades*: estratégias de valorização de experiências e de organização da acção, tendo em vista o tempo presente. Se todo o lugar é um constructo artificial, precário e sempre exposto à modificação e à destruição, e se todo o lugar indica uma falta (DUQUE, 2006), a falta de uma origem, o fabrico da Casa da Juventude enquanto lugar de sentido e de identidade é o esforço de preencher alguns vazios e fazer algumas realidades mais suportáveis.

A Casa da Juventude é um espaço material e simbólico que oferece aos/às jovens espaços legítimos de existência e de transfiguração. Enfatiza-se, desse modo, a ideia de que a Casa da Juventude não é apenas discurso, mas é estrutura, subjectividade e acção. Tal pertença é caracterizada por estilos de acção que decorrem num campo que é regulado, mas no qual os/as jovens introduzem novas racionalidades, metaforizando a ordem dominante (CERTEAU, 1990).

O tempo vivido e construído pela sua presença na Casa da Juventude é um tempo considerado válido e útil, ainda que tenha pouco valor tenha fora daquele contexto. Aliás, o valor social e simbólico da Casa da Juventude reside igualmente na valorização e no acolhimento dos tempos “vazios” juvenis e possibilita aos/às jovens sentirem que ali não estão a desperdiçar o tempo (BOURDIEU, 1998b). No nível local, o facto de parte do seu tempo ser investido na Casa da Juventude dá-lhes um certo estatuto perante outros/as.

Numa época em que nos deparamos com o desaparecimento dos lugares, a Casa da Juventude parece ser um lugar de reconhecimento mútuo de quem a frequenta e no qual se procura a promoção de justiças, em contextos onde os/as jovens sofrem de injustiças económicas, desvalorização cultural e social.

Nos seus trabalhos sobre reconhecimento e redistribuição, Nancy Fraser refere que, frequentemente, as lutas pelo reconhecimento procuram resolver

questões de injustiça cultural, enquanto as lutas pela redistribuição procuram resolver questões relacionadas com injustiças socioeconómicas. Esse problema é discutido enquanto dilema reconhecimento-redistribuição, de modo a que se reflecta sobre as possíveis interferências entre os tipos de reclamação. Se a luta pelo reconhecimento se desenvolve em torno do acentuar das diferenças, a luta pela redistribuição desenvolve-se em torno da destruição de uma especificidade que gera injustiça, indo em busca da não diferenciação (FRASER, 1995, 1997).

No que diz respeito ao grupo da Casa da Juventude, este parece estar mais empenhado numa luta pelo reconhecimento nas várias frentes que entendem como possíveis. Apesar de estes/as jovens terem níveis de escolaridade baixos, de conhecerem no trabalho formas várias de exploração e de não terem projectos de vida formais, muitas das suas lutas e discursos circulam ao redor do reconhecimento cultural, embora aqui se reconheça que a injustiça cultural esteja relacionada com a injustiça económica.

3.1. CONSTRUIR A PERTENÇA ATRAVÉS DAS PRESENCAS NOS QUOTIDIANOS

A Casa da Juventude foi, desde a sua abertura, apropriada pelos/as jovens, principalmente pelos rapazes mais velhos, fenómeno que, à partida, a distingue de outras Casas da Juventude do Concelho. Ali é o espaço da sua construção enquanto grupo, da sua distinção de outros e da produção do Outro relativamente àquele espaço, mas também de si enquanto Outro, relativamente a outros espaços exteriores à Casa da Juventude ou à Freguesia. É nessas condições e relações de poder que a própria Casa da Juventude se constitui.

A relação de pertença com a Casa da Juventude é muito complexa. Por um lado, a Casa da Juventude representa um espaço diferente do local, o que para os/as jovens é importante, na medida em que se afastam do mundo adulto e do local e lhes satisfaz algum desejo de recolhimento e invisibilidade; por outro lado, a sua presença na Casa da Juventude os torna visíveis enquanto culturas juvenis, o que também lhes agrada e é importante, na construção das suas identidades.

Os movimentos quotidianos na Casa da Juventude revelaram que essa instituição funciona como um eixo organizador do desenrolar dos dias de muitos/as jovens. Parecem mesmo existir corredores de ligação e prolongamentos entre a casa familiar e a Casa da Juventude. A presença dos/as jovens na Casa da Juventude faz-se durante largas horas, fabricando pontes para outros mundos – reais ou virtuais.

Para quase todos/as os/as jovens, a Casa da Juventude é onde o grupo com raízes na comunidade local e no passado se encontra, se afina e se afirma. Parece ser quase o lugar em que se procura aferir que há coisas que não mudam. Nesse sentido, a Casa da Juventude é um espaço seguro ao qual procuram pertencer, cultivando a sua presença de todos os dias.

Existem muitas formas de fabricar e de se fazer presença, nesse contexto. Se, para muitos/as jovens, os quotidianos da Casa da Juventude são o contexto

onde fabricam os sentidos dos dias, para alguns/mas, a Casa da Juventude situa-se num registo mais funcional e pontual e, para outros/as ainda, é uma rede de suporte educativo e de ocupação de tempos livres.

São os rapazes que dão mais corpo à Casa da Juventude de forma regular, revelando um pouco das suas vidas ausentes de projecto, a não ser que o projecto seja que haja amanhã, pelo menos na Casa da Juventude. A sua presença testemunha o sentido da instituição nas suas vidas e não se resume a um sentido funcional, apenas relacionado com a ocupação de tempos livres, mas com a ocupação da sua vida. Talvez, por isso, são mais os rapazes, e principalmente os que passam muito tempo no bar⁵ a jogar *play station*, os que mais reagem quando são castigados, expulsos e impedidos entrar. É como se a cidade se aproximasse e invadisse a sua zona, como se engolisse a Casa da Juventude e as suas vidas e tudo fosse mais estranho e menos deles. É na repetição dos dias, das presenças e do que se faz que ganham espaço e autoridade.

«Hoje, no espaço Internet, estão jovens que não costumam estar na Casa e que vão ali apenas para a net. São cerca de 5 e todos rapazes.

O Bar está com gente, um número até razoável. A jogar está o técnico do espaço internet e o Bruno. O Gonzo está de pé. O Tó também está de pé, encostado à esquina que dobra para o auditório. São eles os únicos que conheço verdadeiramente e que **costumam frequentar assiduamente a Casa**». (4 de Maio de 2006)

O ócio, o tempo livre, aparentemente não disciplinador, marca momentos fortes da Casa da Juventude, e os/as jovens criam nela ritmos securizantes. E se, muitas vezes, apenas se parece *estar*, como se vai estando em casa, ocupando-se o espaço e alterando a sua configuração primeira, outras vezes ocupam o tempo com conversas e jogos.

O bar, espaço privilegiado de afirmação da presença relativamente a outros/as frequentadores/as, é onde mais visivelmente se percebe que a Casa da Juventude é um espaço que consideram deles/as, em grande parte através das relações de poder que organizam a posse do tempo do jogo, dos canais de televisão ou das mesas que se ocupam.

Esses momentos são organizadores de grande parte do quotidiano da Casa da Juventude, e marcam uma distinção entre a maneira como a Casa da Juventude é apropriada. O Bar, o universo dos jogos, faz parte de contextos predominantemente marcados por rapazes mais velhos, que procuram nessas actividades algum prestígio. A construção da pertença à Casa da Juventude passa pelo domínio e pela gestão dos tempos da instituição. Ou seja, é a partir da sua presença em determinados espaços e a partir de tempos feitos à sua maneira que fazem a negociação.

⁵ O bar é o espaço de convívio da Casa da Juventude e onde os/as jovens passam grande parte do tempo dedicado à Casa da Juventude. É ali que se conversa, vê televisão e se joga *play station*. Para além do bar, existe uma sala da formação onde se realizam sessões dos projectos de intervenção organizados pela Casa da Juventude, um Espaço Internet e um auditório.

O bar é a face visível e imediata dos quotidianos da Casa da Juventude. Se apenas se conhecesse esse espaço até às 15, 16 horas, não se encontrariam muitas raparigas na Casa da Juventude. Elas chegam ao fim da tarde, com as mochilas, se vêm da escola, com sobrinhos/as e irmãos/ãs, se vêm de casa ou preparadas para as sessões. Encontrei as raparigas em espaços comuns partilhados com os rapazes, mas a sua pertença à Casa da Juventude faz-se, em grande medida, na Sala da Formação nas sessões, quando participam nas discussões, ou quando dinamizam o grupo de dança. Um pouco mais de atenção e dá-se conta de que as raparigas fazem da Casa da Juventude a *sua casa*, a partir da proximidade com algumas figuras significativas, procurando frequentemente apoio e aconselhamento em várias esferas das suas vidas. Essa “invisibilidade” das raparigas acaba por reforçar e perpetuar a ideia de que as subculturas são predominantemente masculinas (HUQ, 2006) e que, neste caso, a Casa da Juventude enquanto pertença é uma *coisa* de rapazes, pois as manifestações das raparigas são menos visíveis. A propósito da invisibilidade das culturas femininas, McRobbie e Garber (1976) consideram que a “cultura de quarto” é uma forma cultural das juventudes femininas que não existe enquanto acção num espaço público, é experienciada em um nível sobretudo individual e num registo mais sedentário que, muitas vezes, se relaciona com as restrições às raparigas.

Uma das formas de construir a pertença à Casa da Juventude protagonizada pelas raparigas é pela participação máxima em actividades significativas, estruturadas ou semiestruturadas, em que reconhecem alguma autonomia na sua participação e organização. Não tendo tempo para investir em quantidade, na Casa da Juventude, investem tudo o que podem nos tempos mais organizados, mais parecidos com a escola, e onde têm frequentemente mais protagonismo do que os rapazes. A Casa da Juventude, mais do que um espaço para ocupar o tempo livre em excesso, é entendida como um espaço de oportunidades para conseguirem algum tempo livre para si ou, pelo menos, para ocuparem o tempo com ganhos mais palpáveis.

As raparigas tornam-se mais visíveis com a sua participação em espaços educativos da Casa da Juventude, como o contexto do projecto onde, por terem também uma relação mais próxima com a escola e os saberes formais, podem mobilizar partes de si menos mostráveis nos outros espaços da Casa da Juventude ocupados pelos rapazes.

«O monitor e a monitora começam a falar sobre o espaço, os planetas e os eclipses para introduzirem a outra actividade que tem a ver com a construção fictícia de um eclipse. **A Diana e a Maria João são quem responde às questões e sempre de maneira correcta.** Dou comigo surpreendida com os conhecimentos que ali elas mostram ter sobre o tema. Depois surgem algumas palavras em inglês. Todas se queixam das línguas e das dificuldades». (12 de Agosto de 2005)

A construção da pertença à Casa da Juventude pelas raparigas, por meio de sua participação e da revelação de si, enquanto sujeito com conhecimento e em segmentos mais estruturados, explica-se por motivos que se prendem quer com a

socialização das raparigas, quer com a menor possibilidade de as raparigas, mesmo não tendo nenhuma ocupação, poderem vivenciar a Casa da Juventude como os rapazes o fazem: várias horas seguidas jogando *play station* ou no Espaço Internet. O facto de serem raparigas, em associação com os constrangimentos sociais, limita de modo significativo uma participação que poderia ser mais alargada.

«A Yara e a Diana estão com problemas. Não sabem se os pais e as mães as deixam ir. Ficam de conversar em casa. A Yara diz que **é por ser rapariga** e, por isso, ainda não sabe. Mais tarde a Psicóloga comenta que **o problema da Diana é o dinheiro**. Diz que já quando foram os desportos radicais não foi, porque provavelmente não tinha dinheiro para as sandes e embora lhe fosse proposto a oferta de comida ela não foi.» (9 de Abril de 2005)

Para além dos constrangimentos referidos, as raparigas são, de um modo geral, mais jovens (14-18) do que muitos rapazes (15-23), o que, associado ao género, pode também significar que as raparigas, menos dominantes desde os primeiros tempos da Casa da Juventude, quando teriam cerca de 12 anos, se tenham mantido nessa categoria de “mais novas”, podendo apenas ocupar espaços livres deixados pelos rapazes.

As estratégias das raparigas é, então, ocuparem espaços mais estruturados e que as obrigam a investimentos ao nível dos saberes e da organização. Destaca-se a sua participação como corresponsáveis por grupos de crianças e a dinamização de um grupo de dança. Essas experiências, que constituem *miniprojectos*, são ainda reveladoras das suas capacidades para tomarem decisões perante obstáculos imprevistos e de arriscarem, mesmo em situações onde poderiam estar mais fragilizadas.

O grupo de danças torna-se uma forma de as raparigas se tornarem mais visíveis. As competências que adquirem, na experiência das danças, são reconhecidas institucionalmente e mobilizadas. O estatuto de algumas raparigas transforma-se, em parte devido a saberes, como aqueles, que revelam ter. A Íris, que desiste do 7º ano de escolaridade com 14 anos, desenvolveu e mobilizou durante cerca de um ano as suas competências no nível das danças, não apenas no que diz respeito à criatividade em torno das coreografias, mas igualmente ao nível da gestão de relações entre os/as elementos do grupo de dança e que eram raparigas mais velhas. Pode dizer-se que, para Íris, a sua experiência no grupo de danças, uma experiência sociocultural, provocou a sua transfiguração ao olhar dos outros/as e de si própria. Essa mudança era mais visível, quando ia encontrar a Íris a ensaiar o grupo de crianças, tarefa para a qual foi escolhida pela equipa técnica da instituição.

«No anfiteatro a Íris está com a Paula a ensaiar as meninas mais pequenas. O Nando está sentado na última fila a ver os ensaios. Quando me vê entrar faz-me com a mão o gesto de fixe e ri-se. As meninas ouvem com atenção o que a Íris ensina. **A Íris parece mais crescida, assume o papel e é respeitada.** (28 de Junho de 2006)

Íris - «Sabe, é muito tempo para elas, uma hora aqui, porque isto parece que não mas cansa. Eu achava melhor fazermos um intervalinho de 10 minutos, só para elas descansarem, mas não deixam. Dizem que tem que ser a hora inteira. É por isso que dançam outras músicas que é para descansarem das que têm mesmo que saber dançar. É para descontraírem».

Reparo que uma das meninas mais novas está sentada no chão e não vai dançar. A Íris diz-me que ainda só foi aos ensaios uma vez e ainda não sabe. Diz-lhe:

Íris - «**Vá lá tu aprendes, tenta, anda lá!**»

A menina levanta-se e coloca-se ao lado de outra menina na fila da frente. Tenta fazer os passos.

No final, a Íris pede para saírem com calma. **Dá um jeito às cadeiras para ficarem mais arrumadas. Pega na folha das presenças e vai à sala da Psicóloga entregar a folha e dizer que já acabou e que correu bem.** A Psicóloga fica satisfeita. (29 de Novembro de 2006)

A experiência atrás mencionada foi uma oportunidade para se assumirem responsabilidades, aprenderem competências e mobilizarem saberes, de acordo com os contextos de acção, nomeadamente de relacionamento intergeracional (que os rapazes também revelam no contexto dos jogos). Como se revelou um espaço gerador de conflitos entre as raparigas, no nível da gestão e distribuição de poderes, foi uma oportunidade para a própria instituição experimentar e analisar modos de intervenção que, funcionando com menos rede, servem para revelar outras oportunidades de participação e, sobretudo, para cultivar modos de trabalho onde existe espaço para reconhecer as potencialidades de jovens.

A aprendizagem em torno de assumirem e respeitarem compromissos pode ter efeitos posteriores. A responsabilidade por outros, como neste caso das danças ou no caso do apoio que a Diana e a Íris dão às crianças, na Casa da Juventude, desvela situações que podem ter efeitos muito positivos. Como acentuam Nicholson, Collins e Holmer (2004), os/as jovens mais crescidos/as ficam orgulhosos quando transmitem as suas competências e apreciam a confiança e a responsabilidade que lhes é atribuída, relativamente a outros/as mais novos/as.

3.2. A PERTENÇA À CASA DA JUVENTUDE ENQUANTO ESPAÇO DE CONFORTO

«O Tataúga frequenta a CJ quase desde o início. Depois de começar a trabalhar continuou a frequentar a CJ e as actividades. Ao fim do dia volta sempre para conversar e combinar a noite:

Tataúga - «É por ser daqui que venho mais. Também por causa do ambiente. **Sinto-me em casa** e estou à vontade.»

Sofia - «Então se a CJ saísse daqui...»

Tataúga - «**Por vontade minha nunca saía. Fazia diferença. É muita gente que vem para aqui, mesmo que seja só para ponto de encontro.** [...] Estou sempre lá, só se não puder. É assim: é mais uma coisa para aprender. Eles

percebem mais do que a gente, sabem mais coisas, é mais um lugar para aprender. É mesmo assim!» (24 de Janeiro de 2007)

Não sendo apenas um espaço de consumo e de passagem, a Casa da Juventude é um espaço onde se criam elos sociais. Tendo, muitas vezes, estes/as jovens uma relação de insegurança com outros espaços como a cidade, a família ou a escola, é no contexto da Casa da Juventude que asseguram formas de segurança e de conforto. É frequente, então, perceberem-se situações que testemunham a dificuldade dos/as jovens em abandonar a Casa da Juventude: quando se encontram, ao fim do dia, amontoados de jovens à porta da Casa da Juventude, ou nas traseiras, mesmo quando já escureceu; ou quando se encontram jovens castigados *colados* à porta, esperando as ligações com o interior, através de notícias trazidas pelos/as amigos/as.

«Olho em volta. Estamos no fim do dia. Está escuro lá fora. Olho para a sala de formação com os/as jovens/as. **Ninguém parece com vontade de ir embora.** Está tudo muito confortável. O espaço, as pessoas, o tempo. Combinam-se cafés para se encontrarem no fim-de-semana. (2 de Dezembro de 2005)

Grande parte da vida dos jovens parece girar em torno da Casa da Juventude. Lugar de chegada, de partida, de encontro, é um organizador geográfico e simbólico. Organiza as interações dos jovens fora dela própria diminuindo a sensação de errância. Contrariando um pouco a ideia de que a comunidade ou a espaços locais não seriam relevantes, no nível da construção identitária e da definição dos estilos de vida, a criação da pertença à Casa da Juventude mostra a significância que espaços locais podem ter, na organização das vidas juvenis.

A Casa da Juventude, um lugar onde se convive e um ponto de encontro, tem um papel organizador das vidas. Falam dela como pertença sua, adquirida na antiguidade e na presença, mas sobretudo na inscrição dela nas biografias e rotinas, afinal, partilhadas.

Diana ? «É importante, por claro. Eu venho para aqui desde que abriu. Eu vim para aqui morar há 8, 9 anos **e venho para a CJ desde que abriu há 5 anos.** O grupo das raparigas foi sempre o mesmo, eu, a Inês, a Ana, a Maria João, o dos rapazes é que foi mudando, mas o nosso foi sempre mais ou menos o mesmo. (20 de Setembro de 2006)

«Sofia – «E a CJ? Há quanto tempo a frequentas?»

Puma – «Desde o início. **Devo ser dos mais antiquinhos.** A CJ é fixe. Se os chavalos viessem era bom para eles. Enquanto puder eu venho». (31 de Janeiro de 2007)

Os sentidos da Casa da Juventude organizam-se, em grande medida, a partir das interações com pessoas que se consideram significativas, principalmente os/as amigos/as e figuras da equipa técnica, mas também pelas

actividades e oportunidades de experimentarem coisas novas. Para uma grande parte destes/as jovens, mesmo para quem tem ocupação no trabalho e na escola, a Casa da Juventude representa ligações a mundos juvenis e a fuga à dispersão.

Um dos aspectos que torna a Casa da Juventude uma instituição significativa é a existência de figuras relevantes, na construção da imagem de si: são os «outros significativos» (BERGER; LUCKMANN, 1999). Estes podem ser os/as amigos/as, como já se referiu, mas são também alguns/mas técnicos/as que desempenham papéis considerados relevantes, como agentes transformadores de partes das suas vidas, podendo mesmo contribuir para alterar as formas pessoais de interpretar a realidade. Confrontados/as com inúmeras inseguranças e medos, em outras esferas da sua vida, muitos/as jovens consideram a coerência, a confiança e a estabilidade das relações como factores importantes na sua ligação à Casa da Juventude e ao lugar que entendem poder ocupar:

«Yara ? «Agora a D. Joana? **A D. Joana gosta muito de ajudar as pessoas. Tenho alguém com quem falar. Ela sempre me ajudou. Explicou-me muita coisa.**» (22 de Novembro de 2006)

«Luís – **«Sim, sim, a Psicóloga é outra coisa, é uma jóia. Ajuda muito, conversa e ouve os nossos problemas».** (3 de Março de 2006)

O Luís reconhece a Psicóloga como profissional e, acima de tudo, como pessoa que conversa com ele, que o ouve e que o trata bem. Esse reconhecimento que o Luís sente permite-lhe dismantelar de percepções sobre a sua realidade e experimentar outras matrizes relacionais e modelos sociais alternativos, que Berger e Luckman consideram ser «estruturas de plausibilidade» (BERGER; LUCKMAN, 1999). Parece permitir, sobretudo, gerar «bem-estar subjectivo» (PARK, 2004), que alimenta relações sociais e visões de si mais positivas.

CONCLUSÃO

Num tempo de crise e imprevisível, novas condições impõem novos desafios e pressões junto dos/as jovens, principalmente daqueles/as que vivem situações de desigualdades estruturais. Muitos dos/as jovens da Casa da Juventude sofrem de dupla marginalização: estão excluídos/as da modernidade, representada pelo afastamento dos centros de conhecimento e do mercado de trabalho, e estão excluídos/as do processo de reconhecimento de igualdade de direitos e de oportunidades para uma cidadania efectiva.

No esforço de não se deixarem engolir por uma das versões da sua vida – a versão da precariedade, da ausência de perspectivas sobre as reais possibilidades para sair dessa precariedade –, reservam esforços para criar lugares de conforto para a apresentação de outra versão de si, em que experimentam valores, produzem e mostram o seu “estilo de vida”. Imaginam, por conseguinte, que a Casa da Juventude pode ser um desses lugares e inventam com a sua acção e a sua palavra novas figurações de si. Tais invenções procuram assegurar pequenas

rotinas e repetições securizantes, de modo a ter controlo sobre algumas partes das suas vidas; são estratégias de produção de «mapas de sentido» que também resultam das apropriações juvenis de símbolos e objectos (VALENTINE; SKELTON; CHAMBERS, 1998).

Em nível local, a sua pertença à Casa da Juventude torna-os/as visíveis e dá-lhes a oportunidade de exuberarem a sua existência, nomeadamente, passando naquele espaço horas seguidas nos quotidianos repetidos.

O que esta e outras pertenças querem significar é que nem tudo está decidido no plano da existência individual que desejam justificar, perante os outros/as. (Trans)figurando-se num mapa de pertenças, o mundo parece menos hostil e eles/as parecem menos hostis ao mundo. É nessas pertenças que se procura remediar a desigual distribuição “do capital simbólico, quer dizer, da importância social e das razões de viver” (BOURDIEU, 1998b, p. 216). Entende-se que essas estratégias têm subjacente um sujeito capaz de dar sentido à sua realidade e acção e se configuram na «possibilidade da acção que se não limita a reproduzir as condições de existência, mas que, ao invés, permite que nelas se introduza a diferença, como marca de uma capacidade de criar contextos singulares e realizar trajectos individuais e colectivos próprios» (SARMENTO, 2000, p. 56).

SILVA, Sofia Marques da. *Youth strategies for assuring dignity and recognition: the experience of belonging to a youth centre in Portugal*. *Educação em Revista*, Marília, v. 11, n.1, p. 77-92, Jan.-Jun. 2010

ABSTRACT: School as been dominant in the definition of the juvenile belonging to a political and social identity, proposing a subjects' classification from their relationship with that institution, their purposes and values and organising “normal” ways of transition. However, there is less social acknowledgement about belongings, as creative strategies, triggered by youngsters around other institutions, communities and groups and within which they fabricate their own modalities of transition to adult life. The object of this paper fits in an ethnographic study carried out in a Youth House of the periphery of Porto between 2005 and 2007 about youth cultures, transitions and experiences in the first decade of the 21st century. We intend herewith to focus on some strategies of a group of young boys and girls towards acknowledgement, as a way of justices' replacement, from the fabrication of their belonging to a non scholar institution: a Youth House.

KEYWORDS: Youth cultures. Education. Strategy.

REFERÊNCIAS

BALL, Stephen; MAGUIRE, Meg; McCRAE, Sheila. **Choice and pathways:** transitions post-16. Milton Keynes: Open University Press, 2000.

BAUMAN, Zygmunt. **A vida fragmentad:** ensaios sobre a moral pós-moderna. Lisboa: Relógio D'Água, 2007.

BECK, Ulrich. **Risk society:** towards a new modernity. London: Sage Publications, 2005.

- BERGER, Peter; LUCKMANN, Thomas. **A construção social da realidade**: um livro sobre sociologia do conhecimento. Lisboa: Dinalivro, 1999.
- BOURDIEU, Pierre. **Contrafogos**. Oeiras: Celta, 1998a.
- BOURDIEU, Pierre. **Meditações pascalianas**. Oeiras: Celta, 1998b.
- CALABRESE, Omar. **A idade neobarroca**. Lisboa: Edições 70, 1998.
- CERTEAU, Michel de. **L'invention du quotidien**. Paris: Éditions Gallimard, 1990. v. 1 Arts de faire.
- DUBET, François; MARTTUCELLI, Danilo. **Dans quelle société vivons-nous?** Paris: Seuil, 1998.
- DUQUE, Félix. Esculpir el Lugar. In: ORTIZ-OSÉS, Andrés; LANCEROS, Patxi. **La Interpretación del Mundo**. Barcelona: Anthropos Editorial; México: Universidad Autónoma Metropolitana, 2006. p. 95-112.
- FRASER, Nancy. From redistribution to recognition: dilemmas of justice in 'post-socialist' age. **New Left Review**, London, v. 1, n. 212, p. 67-93, July/Aug. 1995.
- _____. **Justice interruptus**. Cambridge: Routledge, 1997.
- GIDDENS, Anthony. **As consequências da modernidade**. Oeiras: Celta, 1996.
- HUQ, Rupa. **Beyond subculture**: 6op, youth and identity in a postcolonial world. London: Routledge, 2006.
- LASH, Scott. Reflexivity as non-linearity. **Theory, Culture & Society**, Nottingham, v. 20, n. 2, p. 49-57, 2003.
- LECCARDI, Carmen. Para um novo significado do futuro: mudança social, jovens e tempo. **Tempo Social**, São Paulo, v. 17, n. 2, p. 35-57, nov. 2005.
- McROBBIE, Ângela; GARBER, Jenny. Girls and subcultures: an exploration. In: HALL, Stuart; JEFFERSON, Tony. **Resistance through rituals**: youth subcultures in post-war Britain. London: Hutchinson, 1976. p. 209-222.
- NICHOLSON, Heather Johnston; COLLINS, Christopher; HOLMER, Heidi. Youth as People: the protective aspects of youth development in after-school settings. **The ANNALS of the American Academy of Political and Social Science**, Philadelphia, v. 591, n. 1, p. 55-71, jan. 2004.
- PAIS, José Machado. Buscas de Si: expressividades e identidades juvenis. In: ALMEIDA, Maria Isabel Mendes de; EUGÉNIO, Fernanda. **Culturas jovens**: mapas de afeto. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2006. p. 7-24.
- PARK, Nansook. The role of subjective well-being in positive youth development. **The ANNALS of the American Academy of Political and Social Science**, Philadelphia, v. 591, n. 1, p. 25-39, jan. 2004.
- SARMENTO, Manuel Jacinto. **Lógicas de acção nas escolas**. Lisboa: Instituto de Inovação Educacional, 2000.
- SILVA, Sofia Marques da. **Exuberâncias e (trans)figurações de si numa casa da juventude**: etnografia de fragilidades e de estratégias juvenis para o reconhecimento e para a dignidade. 2008. Tese (Doutorado em Ciências da Educação) – Faculdade de Psicologia e de Ciências da Educação da Universidade do Porto, Porto, 2008.

SILVA, S.M.

SKELTON, Tracy; VALENTINE, Gill. **Cool places**: geographies of youth cultures. London: Routledge, 1998.

STOER, Stephen R.; MAGALHÃES, António. A Reconfiguração do contrato social moderno: novas cidadanias e educação. In: RODRIGUES, David. **Perspectivas sobre a inclusão**: da educação à sociedade. Porto: Porto Editora, 2003. p. 14-24.

VALENTINE, Gill; SKELTON, Tracey; CAMBERS, Deborah. Cool places: an introduction to youth and youth cultures". In: SKELTON, Tracy; VALENTINE, Gill. **Cool places**: geographies of youth cultures. London: Routledge, 1998. p. 1-32.

WALTHER, Andreas; HEJL, Gry Moerch; JENSEN, Torben Bechmann. **Youth transitions, youth policy and participation**: state of the art report. 2002. Disponível em: <<http://www.iris-egris.de/yoyo/pdf/YoyoWP1StateofArt.pdf>, 2/09/07> Acesso em: 2 set. 2007.

WILLIS, Paul. **The ethnographic imagination**. Cambridge: Polity Press, 2000.

_____. Cultura viva: entrevista com Paul Willis (por Roger Martínez). **Tempo Social**, São Paulo, v. 17, n. 2, p. 301-333, nov. 2005.

ZOLL, Rainer. **Nouvel individualisme et solidarité quotidienne**. Paris: Éditions Kimé, 1992.